

Público

11-02-2016

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 51453

Temática: Política

Dimensão: 306

Imagem: S/Cor

Página (s): 46

Esmirnados

Debate União Europeia

José Miguel Pinto dos Santos

Há muitas formas de conquistar uma *polis*, ou Estado. Heródoto (485-420 a.C.), um escritor bastante popular hoje, quer na Grécia, quer na Alemanha, escreveu há dois milénios e meio um manual, muito prático, elaborando as mil e uma maneiras de o fazer. Nelas se incluem a ação política, a campanha militar, a estratégia económica e o culto religioso. Mas a criatividade humana em pôr a mão no alheio não se reduz a estas quatro categorias. Eis como ele descreve a conquista de Esmirna, um Estado eólico muito próspero:

“Os Eólios perderam Esmirna por uma perfídia. Tinham dado refúgio na *polis* a alguns refugiados de Cólofon, que tinham sido derrotados por uma facção



O abuso da bondade e humanidade de quem ajuda tem sido uma constante ao longo da história



rival e expulsos. Os refugiados esperaram por uma oportunidade e quando o povo de Esmirna foi celebrar, fora de muros, o festival de Dionísio, fecharam os portões e tomaram posse da cidade. Os Eólios das outras *polis* vieram em ajuda dos espoliados. Chegam finalmente a acordo que os Jónicos restituiriam todos os bens móveis, mas ficariam com

a posse da cidade. O povo de Esmirna foi então distribuído pelas outras onze *polis* dos Eólios, onde lhes foram dados direitos de cidadania.”

Embora seja sobejamente conhecido o viés antijónico de Heródoto, não há que duvidar que as coisas se passaram mais ou menos como ele as descreve. O abuso da bondade e humanidade de quem ajuda tem sido uma constante ao longo da história, quer entre indivíduos, quer entre *polis*. Mas o mais lamentável é que os bondosos dão mau nome à bondade, quando não aliam o seu sentimento humanitário com a prudência. Passam à história, não como benfeitores, mas como palermas.

Professor de Finanças, AESE